

3 COMO EDUCAR CRIANÇAS DE SEIS A DOZE ANOS

Estela Maris Giordani¹

Conforme Meneghetti (2014) as crianças são o reflexo dos adultos que estão em interação, portanto, para modificar as crianças é preciso modificar os adultos que educam as crianças. Pois para educar uma criança é necessário que o adulto de referência da relação educativa seja realizado. Realizado significa que ele esteja em contato com o princípio do evento vida que o gerou, por consequência não faz projeções suas sobre a nova vida que pretende educar. Uma das grandes causas da inadequação pedagógica contemporânea é que o educador faz pedagogia por compensação. Meneghetti (2014) muitas vezes de modo simples faz a analogia com as plantas, argumentando que, apenas uma planta saudável e gozando de seu pleno funcionamento pode gerar frutos que sejam saudáveis. O educador em relação ao educando é, antes de mais nada, uma vida que deveria estar funcionando em integridade com as leis universais da vida, a qual o põs e o mantém. Os educadores (pais ou professores) devem considerar que o educando é

¹ Doutora em Educação - UNICAMP.

outro. Os genitores não possuem a capacidade de determinar quem é esse ser, mas podem se tornar instrumentos funcionais para auxiliar a vida a prover novos seres. O adulto de maior referência afetiva torna-se o categórico filtro de realidade programando o modo de percepção que a criança possui de si e do mundo.

Enquanto estiver em processo de formação de seu Eu as crianças irão moldar-se, adaptar-se e portanto responder ao adulto de maior referência naquele contexto. Contudo, a adaptação não se refere apenas ao modo de conhecer ou perceber a realidade, mas sobretudo, ao modo de sentir e agir. Isto é, interfere em todas as dimensões existenciais do aprendiz. Por exemplo, se temos um educador agressivo, embora em latência ou não manifesto e externamente aparentando certa tranquilidade, teremos então naquele contexto pedagógico uma maior exposição da agressividade das crianças – tratando-se de crianças de seis a doze anos. Estas, sempre são respostas diretas e imediatas das dinâmicas psíquicas conscientes e inconscientes dos adultos que estão em referência daquela específica interação. Por consequência disso, tantas situações de agressividade não são nada mais do que formas de exposição das agressividades dos adultos. A Pedagogia Ontopsicológica tem como premissa que para desenvolver integralmente uma outra vida os educadores (pais e docentes) devem fazer o processo de autenticação de sua consciência por meio da psicoterapia ontopsicológica, isto é, a sua consciência deve

aprender a ingressar na escola da vida e aprender a ler as informações conforme as intencionalidades do real e não conforme aquela aprendizagem pré-posta em sua consciência.

O educador (pai e mãe) não deve almejar mudar o outro, mas a si mesmo, se conseguir mudar a si mesmo, ingressa na capacidade de provocar a mudança no outro mas porque é um exemplo vivo de que se pode mudar. Não é dizendo, mas de fato demonstrando em primeira pessoa que soube construir bem a si mesmo, essa dignidade que o professor demonstra dá coragem e provoca o pequeno transmitindo a informação “se queres, é possível, se eu pude, porque não tu também não podes, é certo que podes!”. Portanto, “a criança evoluirá na maneira como foi conhecida e amada, assumindo dentro de si mesma o superego caracterizado dentro dos próprios adultos” (MENEGHETTI, 2014, p. 58).

Todas as emoções que o adulto possui durante o processo de vivência e interação com a criança são comunicadas e colhidas pelas crianças. Essas por sua vez reagem às emoções informadas pelos adultos, mas não sabendo de quem são, e porque estão sentindo, elas tomam tais informações como se fossem próprias e passam a executá-las. Essas informações são possíveis de serem transmitidas porque a vida se comunica entre si. E, a essa comunicação-base que a vida usa entre si Meneghetti (2012) a denominou de campo semântico. Existe essa informação em nível

subatômico, inconsciente, que é emitida independentemente do desejo do educador ou da criança, todo o ser vivo comunica e recebe constantemente informações. A vida está variando continuamente e em sua variação contínua de ondas produz informação que são comunicadas e informam. E, sendo um adulto educador que informa, determina os modos de responder aos diversos dependentes daquele que possui dinamicamente a estrutura psíquica mais organizada, ou seja, aquela que se sobrepõe as outras.

Logo, quais são as informações que o educador comunica ao interagir com a criança? Certamente comunica as informações conscientes, que representam 20%, mas sobretudo, comunica as informações inconscientes que representam 80% de sua atividade psíquica que está em interação com a criança. E, se o genitor ou professor não considera o conteúdo de sua comunicação inconsciente ele pode emitir uma informação consciente mas informar outra inconscientemente. Qual é a informação que vai ser prioritariamente percebida e atuada pelo educando? Aquela que dinamicamente está mais estruturada, aquela mais potente, e não sempre será aquela informação consciente, mas pode ser que geralmente se sobreponha à essa aquela inconsciente e que seja contraditória ao desejo consciente do educador. Se as informações inseridas pelo adulto-mãe, sobrepostas a percepção de como a vida o fez, o amou e o informa, a criança cresce nesse contínuo desvio e por consequência

não se torna capaz de colher a essência dos eventos que interage da qual é naturalmente dotada pela sua inteligência. Esta é a fase que se inicia o desenvolvimento da racionalidade da criança, se estruturam as bases das suas estruturas lógicas. “Este período é muito importante, porque se dá a base racional consciente de toda a sucessiva personalidade que jamais será modificada (sem terapia). Como se desperta nessa idade, será depois; é, portanto, a idade-fulcro de toda a vida” (MENEGHETTI, 2014, p. 67). E, se a criança nesta fase apenas for estruturada a considerar o conteúdo consciente, aprende a descartar 80% da leitura das informações que recebe nos processos interativos humanos. E, com isso, estrutura a sua formação racional de modo cindido, não integrando à sua capacidade racional de compreensão do conteúdo dos outros 80%. Recebe as informações, mas não percebe, não compreende e não as integra no conjunto de sua capacidade cognitiva. E constrói assim uma lógica racional desconexa do conjunto de sua atividade psíquica que também é inconsciente. A família e a escola, portanto, devem incentivar para que a criança aos poucos comece a prestar atenção a sua interioridade, a considerar todo o universo da atividade psíquica inconsciente.

Esse princípio é fundamental pois, muitas vezes, a criança emite uma informação verbal mas completamente diferenciada do ponto de vista da informação inconsciente, possível de se colher por meio do campo

semântico. E, sem esse instrumento, é impossível estabelecer uma relação de lealdade com a criança, pois não se consegue distinguir a intencionalidade subjacente aquela informação que as crianças expressam verbalmente. E, nesse contexto, não é raro os adultos serem literalmente “enrolados” pelas crianças, sendo que os adultos, passam a ser peças manipuladas pelos pequenos. Pois, eles sabem compreender quando o adulto pode ser enganado ou quando o adulto sabe distinguir a intencionalidade dela naquela situação. E, se o adulto passa a ser manipulado pelas crianças qual é a autoridade educativa que possui? Não se trata da “autoridade em si e por si”, mas o adulto deve exercer o papel de adulto, ou seja, cabe à ele a responsabilidade de auxiliar a criança, mas se ele não consegue distinguir, então como pode fazer com que a criança aprenda a dignidade das coisas, de ganhar a sua vida com o mérito de seu esforço e não apenas em saber ser um exímio vencedor no jogo de enrolar os outros?

Contudo, não pode aprender esse comportamento como modelo único vencedor porque no contexto da interação social ela deve aprender a construir o seu valor e ser respeitada pelo que efetivamente sabe fazer e não como se safar sem ter que fazer o que precisa ser feito para se desenvolver. As consequências desse jogo podem ser diversas – dentre elas gerar a preguiça, a frustração, o parasitismo infantil, a depressão, a não aprendizagem ou dificuldade de aprendizagem, o assistencialismo etc. – de todo modo, todas essas

não conduzem à evolução, ao crescimento sadio da criança e sim a provar o seu blefe existencial. É capaz mas não se concretiza porque aprendeu a enganar aos outros. Contudo, não engana aos outros, primeiro engana a si mesma, porque não produzindo nada, não colhe nada, apenas vive uma forma de farsa de si mesma. A aprendizagem desse comportamento adquirida por meio dessa interação com o adulto alimenta a falência e a tragédia e não a alegria e a satisfação de existir. “Para ajudar uma criança nessa fase, deve-se iniciar uma correção real, indicando sempre um mesmo caminho, com um real relacionamento de adulto para adulto” (2014, p. 67). Portanto, a criança não deve ser tratada como incapaz ou como criança, quando se faz o impacto para fazer uma correção real, sempre deve-se tratar como se estivesse em uma relação com outro adulto. E, portanto, dessa intrínseca forma de relação a criança aprende o que é, confirma o seu verdadeiro potencial, encontra-se com a dignidade de seu existir perante os outros.

Nesta fase, “a criança começa a aperceber-se da relatividade do grupo familiar, sai da consciência absolutista da família, começa a dar-se conta que ela é parte de uma parte maior: a sociedade” (MENEGHETTI 2014, p. 61). Percebe-se capaz de superar o pequeno grupo da família e ingressar no contexto social. Portanto a criança “impacta-se com os valores sociais porque a própria família é subordinada àqueles valores dinâmicos que a sociedade propõe [...]. A criança

portanto, fiel à vetorialidade de crescimento do mais ser, do mais egóico, se dá conta que os valores sociais tornam-se maiores, consentem uma afirmação mais rápida de si mesmo, então os assume [...]” (p. 61-62).

A criança possui inato o impulso ao social, mas muitas vezes a família por querer de modo excessivo controlar a criança acaba retardando ou ainda, impedindo que essa passagem natural aconteça. Ela sente que existe no conjunto dos outros uma força muito maior do que percebe quando é sozinho, os muitos outros ampliam de forma incalculável o seu existir e portanto, tornam-se um grande bem, e é isso que o atrai. A criança sempre busca e se move por meio dos vetores que se demonstram mais vantajosos à ela. Por isso, ela escolhe o adulto que vai servir de referência para a sua vida, escolhe o grupo, escolhe as coisas que vão lhe facilitar os degraus para construir a sua ambição, porque ela quer ser grande e espera que os adultos lhes digam e lhes deem os instrumentos para que ela possa alcançar com seu próprio esforço as suas ambições.

A interação com o grupo de coetâneos é fundamental nessa fase. O seu amigo, o seu colega é muito mais importante do que qualquer outro membro adulto de sua família ou da escola. O que o adulto pode fazer é vigiar à distância quem são os seus amigos preferenciais e verificar se estabelecendo tais relações não entra em perigo ou em regressão.

Na escola vai perceber que pode ultrapassar e

ganhar espaços para além daquele já conquistado no contexto da família, é o lugar desse seu experimentar-se para além do que já conhece e já domina no pequeno grupo familiar. Quando ingressa na escola começa a sentir que existe o poder do grupo social e que este é muito superior ao da família. O grupo social faz se sentir maior, faz ele perceber que o real sentido de sua vida não se limita à família, mas que pode se construir dentro de uma esfera maior e mais poderosa, a sociedade. Sente a sociedade, por meio da escola, como força que o atrai, que o impulsiona a se tornar mais. E, esse movimento em direção ao contexto social também é mobilizado porque na escola aprende e estuda por meio dos diversos conteúdos a contribuição que outros seres humanos deixaram como legado cultural para ele. E, se ele adquire esse saber, adquire os instrumentos que lhe facilitam o ingresso ao poder daquele contexto social. Portanto, o conhecimento para a criança não é um peso ou um castigo, para ela se trata de conquistar a chave do acesso aos botões de comando daquela sociedade. E, para ser um real vencedor no contexto múltiplo das interações sociais deve aprender o seu valor de pessoa, mas também deve ser capaz de construir a si mesmo.

Portanto, o adulto não pode substituir a criança, deve incentivar, auxiliar, orientar como se faz, supervisionar etc. mas jamais fazer pela criança. Deve-se compreender que o esforço ou o sacrifício que ela fará

são fundamentais para que ela cresça e construa dentro de si a auto confiança, a coragem, a determinação e a satisfação de saber fazer e ter feito por si mesmo as coisas que considera importantes para a sua vida. Ela se sentirá útil e aprenderá por si mesma os instrumentos que são funções de vida. Sempre é danosa a atitude do adulto em recatar a criança fazendo assistencialismo. A criança nessa fase precisa aprender a tomar posse de si mesma, aprender sobre si, se testar, se experimentar, se desenvolver. Portanto, não pode se fixar em dependência do adulto, deve aprender a se tornar independente, fazer por si mesma, construir com as suas próprias mãos o seu valor de pessoa. Se o adulto fizer pela criança estará informando inconscientemente, embora não intencione isso, que a criança é incapaz. Contudo, o adulto deve auxiliar a criança a acreditar em sua capacidade e isso é feito concretamente fazendo com que a criança prove fazer fazendo, que experimente, que cometa os erros, que aprenda a repetir tantas vezes forem necessárias para aprender o que lhe dará autonomia, liberdade, independência, coragem, dignidade, satisfação. Assim estará exercendo o protagonismo responsável e não o protagonismo infantil.

E, por fim, uma fundamental importância e valor nessa fase são as fábulas. Contudo que tipo de fábulas utilizar na educação das crianças? Aquelas fábulas que medeiam a possibilidade de crescimento do seu Eu. Elas devem testemunhar no final, não obstante

os diversos problemas e desafios que o percurso lhes proponha, uma possibilidade de superação em relação ao que se propunha no início da história. Pois, “em cada criança existe o potencial de reconhecer o lugar e a direção onde a vida é dom gratificante [...]. Nesta fase a criança ama as histórias, as fábulas. As ama porque são naturais espaços de seu potencial infinito, o compensativo da sua pobreza de ação, a programação da futura ação quando for grande” (MENEGHETTI, 2014, p. 68).

Portanto, os educadores devem saber escolher e indicar aquelas fábulas que possibilitam essa sua expansão com realismo íntimo, segundo os critérios apontados anteriormente, ou seja, que permitem a superação do protagonista. Pois, conforme Meneghetti (2014, p. 68) as fábulas são mais eficientes porque fazem a “[...] verbalização de um condensado introverso de valor do narrador: esse deslocamento verbal de um potencial positivo não investido, é um campo semântico de reforço à interioridade da criança. É como se o adulto passasse a tarefa como aliado para atuar aquele mundo vida que espera o demonstrado”.

Um exemplo é a história do chapeuzinho amarelo ao invés do chapeuzinho vermelho. Porque na história do chapeuzinho amarelo de Chico Buarque de Olanda a protagonista supera por si mesma os próprios medos e, na história do chapeuzinho vermelho ela fica sempre a mercê de um adulto que vai salvá-la. Do ponto de vista da aprendizagem da expansão de

sua ação possível então aprende que pode vencer se posiciona-se de modo a favorecer o seu crescimento saudável. “Portanto, deve-se sempre contar histórias verdadeiras ou possíveis em qualquer época, em qualquer lugar. Quando o adulto conta ou escreve, deve salvaguardar a possibilidade de vingança do protagonista, ou lhe dar sem dúvida a vitória” (p. 68). Mais adiante é preciso fazer a criança entrar em contato com biografias de homens que por meio de sua vida, de sua história, construíram “fórmulas reconhecidas de sucesso, intencionando ensinar os lugares e momentos onde a vida é mais familiar” (p. 74).

Síntese de conselhos práticos:

1. Os adultos, educadores devem autenticar sua consciência por meio da psicoterapia ontopsicológica porque na interação com o adulto a criança colhe as intencionalidades inconscientes e o adulto informa e estrutura na criança aquilo que aprendeu nas interações com o adulto.

2. Considerar que a criança é outro e quando se faz o impacto com ela, fazer como se fosse outro adulto a fim de perceber quem realmente é, portanto incentivar a criança a conhecer a si mesma “à procura da própria interioridade espontânea e originária”.

3. Não dizer à criança o que deve fazer, mas o que não deve fazer, supervisionar para que não esteja em real perigo, e intervir apenas quando se percebe que o que está fazendo resultaria em um erro grave contra si mesmo.

4. Instinto social: não impedir ou retardar a convivência da criança com os grupos sociais mas vigiar com quem as crianças interagem e verificar se o grupo e os amigos não são danosos à ela.

5. Não substituir a criança nas suas aprendizagens, auxiliá-la ensinando o caminho, como se faz, mas jamais fazer por ela, porque crescerá apenas se pagar o preço de fazer por si mesmo e assim terá a dignidade de construir bem a si mesma;

6. Instinto de posse: o adulto não pode substituir ou manter a criança em dependência sua, deve favorecer a sua autonomia, a prover-se por conta própria as suas necessidades.

7. A função das fábulas: elas são importantes para favorecer a compensação de sua possibilidade de ação infinita, por isso, deve-se possibilitar o contato com aquelas histórias verdadeiras e que de algum modo possibilitam em seu final a superação, vitória ou vingança do protagonista.

8. Biografias de homens que concretamente com a suas ações exemplares e de sucesso testemunham onde a vida mais pulsa.

9. Estimular a criança a cultivar a sua interioridade, a prestar atenção a toda a linguagem inconsciente.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Sistema e Personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2004.

_____. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

_____. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010.